

Comunicação e Tecnologia

Uma experiência de "Sala de Aula Invertida"

André Lemos

Professor Associado da Faculdade de Comunicação da Universidade da Bahia; Doutor em Sociologia Paris V, Sorbonne (1995)

E-mail: almlemos@gmail.com

Lara Perl

Estudante de graduação em jornalismo e foi monitora da disciplina COM-104 no primeiro semestre de 2014

E-mail: larialinsperl@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta os resultados da experiência de uso do método de "classe invertida" [Flipped Classroom] em uma disciplina de graduação na Faculdade de Comunicação da UFBA, COM 104, Comunicação e Tecnologia, obrigatória para alunos das habilitações de Jornalismo e Produção Cultural. Os limites das aulas expositivas e as novas potencialidades de acesso à informação pelas novas tecnologias de comunicação foram os pressupostos para esta experiência. No final, apresentamos os resultados de uma enquete sobre a visão dos alunos que vivenciaram a experiência e concluímos pelo êxito da mesma.

Palavras-chave: Sala de Aula Invertida, classe, comunicação, universidade, tecnologia.

Abstract: This paper shows the results of an experience using the Flipped Class method in an undergraduate course in the Faculty of Communication Federal University of Bahia, COM 104, Communication and Technology, for journalism and cultural production undergraduate students. The limits of traditional class and the new capabilities to access information by the means of new communication technologies were the assumptions for this experiment. The survey points to the success of the experiment.

Keywords: Flipped Classroom, class, communication, university, technology.

1. APRESENTAÇÃO

Sou professor da disciplina Comunicação e Tecnologia, COM 104, do Departamento de Comunicação da Faculdade de Comunicação da UFBA desde 1997. Esta é uma disciplina obrigatória para alunos do quarto semestre dos cursos de Jornalismo e Produção em Comunicação e Cultura. No primeiro semestre de 2014, decidi experimentar uma adaptação do método conhecido como "classe invertida".

Entendo por classe invertida uma metodologia de aula na qual os alunos devem aprofundar o conhecimento de um assunto de forma autônoma, sem necessariamente estar em um espaço escolar, e trazer os seus achados para discussão em sala de aula. A ideia de classe aqui difere de sala de aula com o uso das TIC. Elas devem ser usadas para explorar o tema de forma autônoma, mas não são imprescindíveis nas discussões em sala de aula. Podemos usar também a expressão “sala de aula invertida”, que talvez seja mais próxima do seu sentido em português de “*flipped/inverted classroom*”, segundo as referências utilizadas¹. A inversão consiste em fazer os trabalhos e tarefas em sala de aula e acessar material de aula em casa. O objetivo da experiência foi fazer uma adaptação da metodologia, mesclando elementos de aula expositiva com elementos utilizados em algumas experiências em classe invertida no mundo² para aumentar a participação dos alunos e fazer das aulas algo mais interessante e produtivo. O que chamamos aqui de “classe invertida” nos leva a considerar uma modificação no uso do espaço físico da sala e da metodologia da aula.

2. HISTÓRIA

Ministro esta disciplina todo semestre, desde 1997. Sempre busquei, a cada semestre, indicar novas leituras e atualizar as aulas. O modelo sempre foi o da aula expositiva, indicação de leitura de textos, seminários em grupo e provas. Incentivava o uso das tecnologias de comunicação e informação (TIC) como *tablets* e *smartphones* no contexto da aula. O uso das TIC era permitido em um sentido pedagógico, para ajudar os alunos a trazerem mais informações para o professor e os colegas. No entanto, a experiência sempre foi decepcionante, sendo as TIC usadas como uma fuga das aulas. Decidi então proibir – o que foi um decisão difícil sendo uma disciplina que visa discutir a relação “comunicação e tecnologia”.

Nas aulas expositivas e na leitura e discussão dos textos, alguns alunos mostravam-se sempre interessados, mas a grande maioria ficava sempre dispersa, saindo e entrando na aula, além de não ler os textos solicitados para as discussões. Por causa disso, as discussões eram sofríveis, dependendo muito da minha intervenção. Conversei com colegas e todos sentiam a mesma coisa. O problema, portanto, não era nem a minha disciplina, nem a minha forma de dar aula.

Podemos apontar que a cultura digital é disrupção em relação à educação e seus espaços. Vários autores apontam para as transformações da cultura digital em meio ao espaço escolar³. Outros estudos mais recentes mostram as formas participativas de aprendizagem, os limites das classes e o uso das TIC em sala de aula. Todos apontam para as transformações do processo educacional em meio à cultura digital⁴.

Esses autores afirmam a possibilidade de dar mais autonomia na busca do conhecimento e da construção de materiais didáticos diversos, com o surgimento das TIC, aproximando-se do meu diagnóstico e da potência da “classe invertida”. Como afirma Moran: “a Internet abre um horizonte inimaginável de opções para implementação de cursos a distância, de flexibilização dos presenciais e de inovação

1. Ver DE LA PORTE, X. *L'école inversée, ou comment la technologie produit sa disparition*. 2013. Disponível em: <<http://www.internetactu.net/2013/10/21/lecole-inversee-ou-comment-la-technologie-produit-sa-disparition/>>; LOZAC'H, A. *La classe inversée pour sauver l'école?* 2013. Disponível em: <<http://ecolede demain.wordpress.com/2013/09/17/la-classe-inversee-pour-sauver-lecole/>>; TALBERT, R. *Toward a common definition of “flipped learning”*. In: *Chronicle*. April, 1, 2014. Disponível em: <<http://chronicle.com/blognetwork/castingoutnines/2014/04/01/toward-a-common-definition-of-flipped-learning/>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

2. Ver *Classe Inversée*. Disponível em: <<http://www.classeinversee.com/faq/>>, Flipped Learning Disponível em: <<http://www.flippedlearning.org>>.

3. Ver BONILLA, M. H. *Escola Aprendente: Para além da sociedade da informação*. Rio de Janeiro: Quartet, 2005; KENSKI, V. M. *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2007; PRETTO, N. *Uma escola sem futuro: educação e multimídia*. 2 ed. Campinas, São Paulo. Papirus, 1996. SILVA, M. *Sala de Aula Interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

na sua avaliação. (...) Em poucos anos, dificilmente teremos um curso totalmente presencial”⁵. Não estou falando aqui de cursos *on-line*, mas o sentimento de que os cursos presenciais devem ser dinamizados, demonstra o sentimento de limite da forma tradicional de aulas expositivas, mesmo que estas ainda devam ser utilizadas, e foram na experiência que será relatada.

Os anos foram passando e tentei várias formas de incentivar os alunos. Continuava com as aulas expositivas, seminários individuais, provas e reuni os alunos em grupos para desenvolver um produto ao longo do semestre (um *blog* temático). Adotei alguns livros base para estimular a leitura *O Artífice*, de Sennett⁶ e *O Mundo Codificado* de Flusser⁷, por exemplo). A divisão da classe em grupos com o intuito de produzir um *blog* temático estimulava o interesse e o trabalho cooperativo. Os grupos e *blogs* funcionaram, mas a atenção às aulas expositivas e as leituras dos textos ainda deixavam muito a desejar.

Pode-se constatar⁸ que há uma falência do modelo, embora não acredite em fórmula única para todas as classes e níveis de aprendizagem. Há hoje uma necessidade de se inventar novas formas de manter os alunos interessados sem que a aula tenha que ser um espetáculo de pirotecnia tecnológica. Mesmo com os atuais avanços tecnológicos, os processos educacionais precisam se aproximar mais da prática do artífice. Sennett aponta as ações de “localizar, questionar e abrir” como formas concretas da prática do artesão. A atividade tem um caráter prático, um engajamento social, uma maturidade e uma ética centrada no processo. Localizar (o que isso tem a ver com o meu lugar?), questionar (como posso pensar sobre isso?) e abrir (ao que isso me leva, a que coisas me associo quando tratamos deste ou outro tema?) seriam os principais objetivos do artífice e dos estudantes nesta nova “classe-invertida”.

Precisamos dar mais autonomia aos alunos. Eles podem decidir, junto com o professor, o que querem aprender, buscar de forma mais autônoma as informações e discutir e escrever mais coletivamente. Com o advento das novas tecnologias, o professor não tem mais o monopólio da informação. Esta foi a aposta e o pressuposto que motivou a adoção do modelo adaptado de Classe Invertida no primeiro semestre de 2014. Conseguimos que os alunos discutissem mais, escrevessem mais e se interessassem mais.

O que está em jogo na nova experiência proposta na disciplina é tentar fazer com que o conhecimento tenha uma força mobilizadora e transformadora, que os temas a serem discutidos sejam pensados conjuntamente, que os alunos tenham mais liberdade para se informar sobre o tema e que a sala de aula seja um lugar de discussão com o professor. Evitamos reproduzir as aulas expositivas que os alunos ouvem, mas não escutam, forçar a leitura de textos que eles não leem ou só leem para a prova, tirá-los da posição passiva em sala e fazer com que conversem, troquem experiências, discutam e formem posições sobre os temas da disciplina. Tiramos os alunos da posição de ouvintes (que não têm nada a dizer) e os colocamos na responsabilidade de serem produtores de conhecimento junto com os colegas e o professor.

4. Ver GREEN, H, Hannon, C. *Their Space: Education for a digital generation*. 2007. Disponível em: <<http://www.demos.co.uk/files/Their%20space%20-%20web.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2013; GROFF, J., Hass, J. Web 2.0: Today's technology, tomorrow's learning. *Learning & Leading with Technology*, September/October 2008; GROFF, J., Mouza, C. A framework for addressing challenges to classroom technology use. *Association for the Advancement of Computing in Education (AACE) Journal*, 16(1), 21-46, 2008; JENKINS, H., PURUSHOTMA, R., CLINTON, K., WEIGEL, M., ROBISON, A. *Confronting the challenges of participatory culture: Media education for the 21st century*. Chicago, IL: The MacArthur Foundation, 2006. 5. Ver MORAN, J.M. O que aprendi em cursos semi-presenciais. In: Silva, M., Santos, E. (orgs). *Avaliação da aprendizagem em educação online*. SP: Loyola, 2006.

6. SENNETT, R. *O Artífice*. RJ/SP: Record, 2009.

7. FLUSSER, V. *O Mundo Codificado*. SP: Cosac-Naif, 2009.

8. Ver vídeo com o sociólogo espanhol Manuel Castells em “obsolescência da educação”. Disponível em: <<http://youtu.be/eb0cNrE315g>>.

O objetivo de inverter a classe foi também o de exercitar um pensamento atual acoplado com a prática da escrita e o exercício da escrita como construção coletiva. Eles escrevem agora nas aulas e em grupo no espaço da classe⁹. Insisto há anos no meu grupo de pesquisa da Pós-Graduação sobre a necessidade de fazer destas reuniões um laboratório de escrita. E para isso a disciplina não precisa ser uma “oficina”, no sentido tradicional do termo empregado nas escolas de comunicação (aulas práticas). Eles podem ser disciplinas teóricas, como a disciplina em questão, mas sem ter que ser uma disciplina de aulas expositivas, leitura de textos e prova. Os limites estão ruindo, efetivamente. O problema é ao mesmo tempo estrutural e de projeto pedagógico e que a dificuldade começa nessa separação de disciplinas teóricas, especialistas e oficinas¹⁰

3. A EXPERIÊNCIA



Foto 1 - Alunos em sala de aula invertida. Com 104, Faculdade de Comunicação da UFBA (Foto dos autores).

Inverter a classe foi a maneira que achamos de estimular os nossos graduandos a exercitarem a escrita e fazer da aula um ambiente coletivo de discussão e produção, de lhes dar autonomia e responsabilidade, aumentando o interesse pelo tema e prática coletiva de discussão. Os limites das aulas expositivas se evidenciaram pela pouca leitura dos alunos dos textos propostos, pela pouca discussão em sala de aula e pela apatia geral. No entanto, essas aulas funcionam em determinados momentos e continuam a serem utilizadas. Sempre que necessário, faço intervenções mais longas, expondo ideias e conceitos. Assim

9. Este é o tema do pós-fácio de Bruno Latour. Ver LATOUR, B. 2014. *L'influence est un risque*. Postface de Bruno Latour, Sciences Po, Paris Pour un livre collectif Claire Tollis, Laurence Créton-Cazenave, and Benoit Aublet. *L'effet Latour. Ses modes d'existence dans les travaux doctoraux*. Paris: Editions Glyphé, 2014.

10. Ver Fenwick, T., Edwards, R. *Actor-Network Theory in Education*, Routledge. 2010.

sendo, a aula expositiva passa a ser um dos recursos dentro da experiência e não a única forma de passar o conhecimento.

Na primeira aula no primeiro semestre de 2014, explicamos a dinâmica do projeto e definimos, junto com os alunos, os temas a serem abordados ao longo do semestre. As propostas foram, posteriormente, divididas em blocos semanais que agregavam assuntos específicos em grandes temas, sempre envolvendo a comunicação e a tecnologia. Com o calendário definido, a cada semana, preparávamos e disponibilizávamos, no *site* da disciplina, um resumo do tema semanal, com indicação bibliográfica, vídeos e *links* sobre o assunto a ser debatido em sala. Os alunos não eram obrigados a utilizar este material. Eram, inclusive, estimulados a trazerem novos materiais (séries da TV, livros de ficção, artigos jornalísticos etc.). Tudo valia, desde que o exercício de articulação com o tema da semana fosse feito.

Os alunos foram divididos em doze grupos de cinco membros¹¹. Cada um deles escolheu um assunto que seria objeto de um *blog*, produto que alimentariam ao longo do semestre. O exercício solicitado aos grupos era o de relacionar o tema da semana com o assunto central do *blog*, produzindo textos. Depois da discussão com os alunos os temas semanais (todos propostos por eles) foram os seguintes: 1 – Técnica e Tecnologia; 2 – Inovação e Obsolescência Tecnológica; 3 – Novas e Velhas Mídias; 4 – Internet, Redes, Cibercultura; 5 – Tecnologia e Sociabilidade; 6 – Arte e Tecnologia; 7 – Internet e Política; 8 – Ciberativismo; 9 – Tecnologias Móveis; 10 – Comunicação organizacional.

Criamos usos para as TIC (antes banidas). Os alunos tinham que trazer os seus equipamentos e produzir em sala de aula (buscar informações, interagir nas redes sociais, escrever textos no *blog*..). A sala passa a ser um espaço de informação e discussão com essas tecnologias de comunicação.

Em cada aula havia, em primeiro lugar, a apresentação individual dos achados em casa sobre o tema da semana e depois uma discussão geral. Após este primeiro momento, o grupo se reunia para discussão do tema e tentava vinculá-lo ao tema do *blog*. Eles começavam na aula a escrever o texto que seria postado no *blog* do grupo no final da semana em curso. Passávamos nos grupos para discutir e ajudar, sugerindo articulações que pudessem vir a serem feitas no texto do *blog*. Cada tema foi discutido por, no mínimo, uma semana.

Com a experiência, o espaço da sala de aula mudou. Em vez de carteiras voltadas para o professor, os estudantes sentavam-se em círculos com seus grupos. O papel do professor passou a ser o de discutir e apresentar perspectivas de análise sobre o tema. Isso se refletiu também no lugar físico ocupado, agora circulando entre os grupos e não sentado na mesa à frente de todos. Por fim, o conteúdo programático da disciplina foi cumprido e pudemos discutir tudo o que estava previsto na ementa da disciplina¹².

O aluno era avaliado de duas formas: por sua participação em sala de aula e pela produção textual do grupo ao qual ele faz parte. Um dia na semana (terça) fazíamos uma avaliação com nota do(s) *post(s)* dos *blogs* da semana anterior. A avaliação foi contínua. A nota final do aluno foi a média da nota semanal dada aos produtos gerados pelo grupo (média aritmética) e da nota

11. Tecnologia e Culturas Populares. Disponível em: <<http://tecnologiaecultura.wix.com/tecnologiaecultura>>, Cinema. Disponível em: <<http://cinemacomunicacaoetecnologia.wordpress.com>>, Moda e Tecnologia. Disponível em: <<http://com104moda.wordpress.com>>, Aplicativos. Disponível em: <<http://104apps.wordpress.com>>, Distribuição de Conteúdo Online. Disponível em: <<http://comunicaweb.wordpress.com>>, Educação e Tecnologia. Disponível em: <<http://comofaztudo.wordpress.com>>, Redes Sociais. Disponível em: <<http://tecnologiaeredessociais.wordpress.com>>, Games. Disponível em: <<http://cteg.wordpress.com>>, Música. Disponível em: <<http://conexoessonoras.wordpress.com>>, Comunicação empresarial. Disponível em: <<http://emprenologia.wordpress.com>>, Marketing. Disponível em: <<http://flipped-marketing104.wordpress.com>>, Crimes Virtuais. Disponível em: <<http://com104crimesvirtuais.wordpress.com>>.

12. Para ver o programa e a ementa da disciplina acessar o site da disciplina em <<http://com104.wordpress.com>>.

por presença individual em sala, considerando a participação de cada um. (nove faltas, nota 1; oito faltas, nota 2 e assim sucessivamente).

Nas primeiras semanas, notamos que muitas das questões importantes sobre o tema da semana ficavam de fora da discussão. Assim sendo, decidimos indicar perguntas a serem respondidas sobre os temas para grupos específicos (algumas perguntas eram dirigidas aos grupos mais próximos da temática da pergunta). Isso melhorou muito a dinâmica da aula e conseguíamos ter uma visão mais ampla do tema proposto. Abaixo um exemplo de como era e de como ficou a indicação:

Indicação da semana sem perguntas aos grupos:

TEMA 5: TECNOLOGIA E SOCIABILIDADE

A partir da próxima terça, vamos discutir em sala o tema Tecnologia e Sociabilidade. Tecnologia de comunicação e vida quotidiana, sociabilidade e socialidade contemporâneas, geração e novas tecnologias, webcelebridades, cultura do espetáculo, estereótipo, comunidades e comunidades virtuais. Formas de relacionamento em espaços “físicos” e “eletrônicos”.

Bibliografia: (...)

Links e vídeos (...)

Indicação da semana com perguntas aos grupos:

TEMA 9 – TECNOLOGIA E MOBILIDADE

Semana 08/07 e 10/07, - TEMA 9 – Tecnologias Móveis. Mídias móveis, portabilidade, mobilidade, mídias locativas. Aplicativos e interfaces móveis. Dispositivos. Experiências de geolocalização. Mídia e processos de espacialização. Mídia e espaço urbano. Realidade Aumentada e Realidade Virtual.

Grupo 1 – O que é Mobilidade e quais os tipos?

Grupo 3 – O que é espaço, lugar e território?

Grupo 2 – O que são Espaços de Fluxos e Espaços de Lugar?

(...)

Grupo 11 – Como pensar os problemas de segurança e privacidade em meio à globalização dos fluxos informacionais?

Grupo 12 – O que muda no contexto do marketing e da publicidade em meio à mobilidade informacional?

Referências: (...)

Alguns Vídeos e Apresentações: (...)

4. ENQUETE

Um questionário foi elaborado e colocado para preenchimento de forma voluntária e anônima na plataforma do Google¹¹. Houve quarenta e seis respostas dos sessenta e sete alunos matriculados. Oito foram reprovados por falta e cinco desistiram da disciplina. Os resultados aparecem abaixo.

A experiência de classe invertida foi positiva?



Perguntados sobre se a experiência foi positiva ou negativa, 96% consideraram a experiência positiva. As justificativas foram diversas, conforme podemos ler em algumas falas retiradas dos questionários respondidos:

Principalmente porque, nós alunos, que escolhemos os assuntos a serem discutidos em sala de aula.

Porque foi diferente de tudo o que já tive na faculdade e pude produzir conhecimento sobre aquilo que me interessa.

Muito positiva, porque pudemos experimentar uma nova forma de circulação de conhecimento na faculdade, que estimula o envolvimento dos alunos na construção do conteúdo, nos deixando mais conectados, interessados e responsáveis pelo que acontece em aula. Ha espaço suficiente para que o professor também compartilhe o que sabe.

Porque obrigou os alunos a saírem da zona de conforto e pesquisarem mais para que a aula ocorresse de uma forma mais fluida, acho que o fato do aluno ter que buscar a aula, digamos assim, fez com que houvesse um maior interesse dos alunos e maior interesse pela disciplina.

Foi a primeira vez na faculdade em que eu senti interessada de verdade em pesquisar sobre os temas. Nos “obrigava” a chegar na sala sabendo o tema, mas de maneira agradável.

As duas negativas ressaltavam:

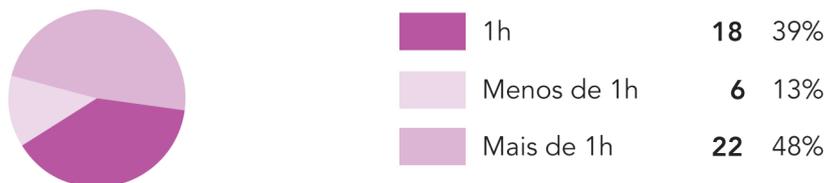
A ideia da classe invertida é muito boa. Porém, manter isso durante o semestre, foi algo bem cansativo. As discussões acabavam ficando presas aos grupos, talvez pela própria disposição das cadeiras na sala, o que impossibilitava de ter maiores trocas dos assuntos.

13. Enquete disponível no site <<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1iESWg-TmSki4t1rJhwxwlsu877h3njj7VGmmT0ABKM/edit#gid=1862307467>>.

Porque eu achei que a turma ficou dispersa.

O resultado mostra o sucesso da experiência e as justificativas, mesmo as negativas, apontam para a eficácia do método empregado.

Quantas horas você dedicava às atividades em casa?



Mesmo com muitos alunos calados durante as aulas, o que nos levava a pensar que a pesquisa não estava sendo feita em casa, 87% dos alunos se dedicavam às atividades no mínimo uma hora por semana. Ou seja, a inversão funcionou. E o investimento também foi alto, 87% dos alunos tiveram um engajamento acima da média como mostra o gráfico abaixo.

Como avalia o seu investimento na realização das tarefas em casa?



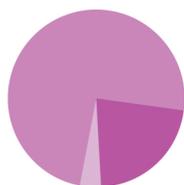
O desempenho no grupo também foi alto, 96% tiveram engajamento acima da média.

Como se deu seu engajamento no grupo?



As discussões em sala de aula foram boas, mas muitos apenas observavam a discussão, como mostra o gráfico abaixo.

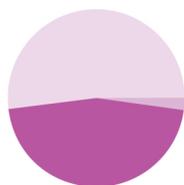
Como você participava das discussões em sala de aula?



Ativo	10	22%
Indiferente	0	0%
Disperso	2	4%
Observador	34	74%

Este dado apresenta algo importante a ser avaliado e que deve ser motivo de atenção para novas experiências. O índice de alunos que apenas observavam as discussões foi muito alto, 74%. Os dispersos (2%) também foram muito poucos, e os indiferentes, inexistentes, o que, por outro lado, é muito bom. Mas o objetivo da classe invertida é ter mais discussão e participação dos alunos na sala. Eles não podem apenas observar. Isso precisa ser mudado com outras dinâmicas em sala, como o estímulo às falas individuais, perguntas mais diretas aos membros do grupo, deixando o processo, às vezes, menos espontâneo.

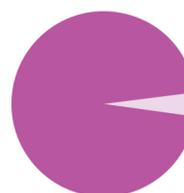
Qual o grau de interesse no tema da disciplina?



Alto	21	46%
Médio	24	52%
Baixo	1	2%

O interesse sobre o tema da disciplina é evidente neste gráfico. Apenas 2% tiveram baixo interesse no assunto da disciplina.

Você gostaria que essa experiência fosse repetida em outras disciplinas?



Sim	44	96%
Não	2	4%

Sobre se a experiência deve ser repetida, este resultado mostra que precisamos buscar formas alternativas ao modelo de aulas expositivas. 96% dos alunos

gostariam de ver a experiência sendo repetida em outras disciplinas. Eles acham que foram bem avaliados (85%). No entanto, achamos que falta uma avaliação mais individual já que a nota principal (80%) é feita pelo grupo. Para uma próxima experiência, aplicar uma prova individual pode ser interessante, ainda mais se for sobre os conteúdos discutidos nos *blogs* dos outros grupos. Isso pode incentivar a visita aos *blogs* dos colegas e a um posicionamento pessoal sobre os temas da semana para além da discussão do grupo.

Acredita que tenha sido bem avaliado (nota de presença + nota do blog)?



5. CONCLUSÃO

A partir da experiência e da avaliação que os alunos fizeram no final do curso, podemos perceber que alguns pontos funcionaram muito bem, outros nem tanto.

A dinâmica exige que todos estejam engajados no processo: que pesquisem e sejam criativos, compartilhem o conhecimento em sala e pratiquem a escrita constantemente. O professor também deve estar disponível a compartilhar o poder de decisão em sala de aula. Estas etapas não são muito incentivadas nos modelos tradicionais de ensino, em que o professor ensina, os alunos escutam e decoram “fórmulas” para realizarem uma prova. Dessa maneira, todo o processo requer um esforço coletivo de professor e alunos para sair de uma “inércia formal” que nos acompanha desde a escola primária, sendo muitas vezes reproduzida na universidade.

O primeiro estranhamento por parte dos alunos foi a falta de direcionamento do professor em relação a leituras obrigatórias. Explicamos que o novo modelo adotado envolve a responsabilidade e a noção de serendipidade¹² ao proporcionar um aprendizado intuitivo e sujeito ao acaso, podendo sempre trazer surpresas e descobertas inesperadas. Mas nada é deixado completamente ao acaso já que o modelo implica na atenção para o encontro do que não se está necessariamente procurando. Talvez a saída seja um equilíbrio: alguma leitura obrigatória em certos momentos, ou um livro que acompanhe todo o semestre como complemento, sem necessariamente ter relação direta com o tema discutido na semana. Estamos pensando nestas possibilidades para o próximo semestre e adotar um livro para leitura.

13. Ver “Serendipidade: encontros com o acaso”, Jornal “O Globo”. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2014/03/15/serendipidade-encontros-com-acaso-527647.asp>>.

O livro a ser escolhido não será didático sobre a disciplina, mas de leitura mais ampla sobre o tema da disciplina. E isso é feito já que, é importante observar, a cada semana, há indicação de leituras (artigos, capítulos de livros e livros), bem como outro material audiovisual (*sites*, vídeo, apresentações etc.), já que o objetivo da Universidade é mesmo o de propor leituras e novas formas de olhar para o tema estudado. Uma visita ao *site* da disciplina mostra bem a indicação de leitura e obras multimídia de suporte à discussão sobre o tema da semana.

Uma outra queixa dos alunos foi a necessidade de expor suas opiniões: a participação era de uma minoria (74% se declararam observadores). Apontar questões para cada grupo responder em sala foi uma saída que deu certo e direcionou as discussões. Acreditamos que é um processo natural e percebemos que alguns alunos que eram mais quietos e tímidos no início acabaram “se soltando” um pouco mais ao longo do semestre. Precisamos incentivar que eles se coloquem, afirmem suas posições e tenham argumentos. A disciplina deve incentivar mais esta ação, ainda mais em se tratando de um curso que vai formar comunicadores, jornalistas e produtores culturais.

Também percebemos que o interesse com os temas é o que os motiva a falar. Assim sendo, envolver uma diversidade de temas proporciona que cada um possa dividir um pouco daquilo que já conhece ou tem afinidade. O desafio é fazer com que o diálogo entre os grupos e temas se amplie, proporcionando reflexões e problematizações sobre a comunicação e a tecnologia quotidianas.

O processo de escrita nos *blogs* foi essencial, mas pareceu difícil para muitos grupos, seja pelos prazos, pela dinâmica em equipe, pela dificuldade para trazer sempre os equipamentos com medo de assaltos nos trajetos para e da Faculdade, ou pela falta de base teórica. Alguns *blogs* se destacaram com *posts* completos, que sempre envolviam conceitos discutidos, exemplos interessantes com vídeos, imagens e alguma reflexão. Outros eram mais econômicos e superficiais. Nos *blogs* que se destacaram, ficou claro que os membros destes já tinham um interesse nas temáticas que escolheram, o que permitiu uma riqueza de referências e melhores textos vinculando-os aos temas semanais. Quase todos os alunos preferiam escrever em casa. Achamos que, melhorando as condições estruturais da sala (máquinas e melhor conexão à internet) e ampliando o tempo de escrita, a experiência possa funcionar melhor.

Um outro ponto importante é a avaliação que, infelizmente, ainda parece ser a maior preocupação dos alunos, o que ficou evidenciado na ansiedade deles para saber a nota exata dos *posts* de cada semana. Tentamos avaliar os *blogs* e a presença/participação, mas faltou uma avaliação individual e que o resultado nunca será 100% justo. Alguns deles pediram um trabalho ou produto final além do *blog*, o que pode ser considerado. Pensamos em uma prova individual para resolver este problema, como explicado mais acima. Para o próximo semestre, pensamos em aumentar o espaço de discussão e que o prazo do *post* seja estendido até domingo, assim eles podem escrever nos finais de semana.

De forma geral, a experiência foi muito positiva. Ficou evidente a necessidade de dinamizar as relações de ensino e aprendizado na sala de aula para adaptar o conhecimento às novas dinâmicas da cultura contemporânea, suas tecnologias e práticas sociais.

REFERÊNCIAS

BONILLA, M. H. *Escola Aprendizante: Para além da sociedade da informação*. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

De la PORTE, X. **L'école inversée, ou comment la technologie produit sa disparition**. 2005. Disponível em: <<http://www.internetactu.net/2013/10/21/lecole-inversee-ou-comment-la-technologie-produit-sa-disparition/>>.

FENWICK, T., EDWARDS, R. **Actor-Network Theory in Education**. Routledge, 2010.

FLUSSER, V. **O Mundo Codificado**. SP: CosacNaif, 2009.

GREEN, H, HANNON, C. **Their Space: Education for a digital generation**. 2007. Versão online. Acesso em: 4 set. 2013. Disponível em: <<http://www.demos.co.uk/files/Their%20space%20-%20web.pdf>>.

GROFF, J., HAAS, J. Web 2.0: Today's technology, tomorrow's learning. **Learning & Leading with Technology**, September/October 2008.

GROFF, J., MOUZA, C. A framework for addressing challenges to classroom technology use. **Association for the Advancement of Computing in Education (AACE) Journal**, 16(1), 21-46, 2008.

JENKINS, H., PURUSHOTMA, R., CLINTON, K., WEIGEL, M., ROBISON, A. **Confronting the challenges of participatory culture: Media education for the 21st century**. Chicago, IL: The MacArthur Foundation, 2006.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

LATOUR, B. **L'influence est un risque**. Postface de Bruno Latour, Sciences Po, Paris Pour un livre collectif Claire Tollis, Laurence Créton-Cazenave, and Benoit Aublet. **L'effet Latour. Ses modes d'existence dans les travaux doctoraux**. Paris: Editions Glyphe, 2014.

LOZAC'H, A. 2013. **La classe inversée pour sauver l'école?** Disponível em: <<http://ecolededemain.wordpress.com/2013/09/17/la-classe-inversee-pour-sauver-lecole/>>.

MORAN, J.M. O que aprendi em cursos semipresenciais. In: Silva, M., Santos, E. (orgs). **Avaliação da aprendizagem em educação online**. SP: Loyola, 2006.

PRETTO, N. **Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

SENNETT, R. **O Artífice**. RJ/SP: Record, 2009.

SILVA, M. **Sala de Aula Interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

TALBERT, R. Toward a common definition of “flipped learning”. In: **Chronicle**. April, 1, 2014. Disponível em: <<http://chronicle.com/blognetwork/castingoutnines/2014/04/01/toward-a-common-definition-of-flipped-learning/>>. Acesso em: 20 jun. 2014.